

## **SOCIABILIDADES DE MULHERES NA VÁRZEA: ensaio etnográfico acerca de relações de gêneros num circuito de futebol de Porto Alegre**

Mauro Myskiw<sup>1</sup>

---

### **RESUMO**

Este trabalho aborda a temática das relações de gêneros no universo das práticas esportivas, especificamente do futebol. Trata das sociabilidades de 'mulheres' em partidas de um circuito de futebol de várzea da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Procura trazer elementos para a compreensão dos lugares de 'mulheres na várzea'. Está baseado numa pesquisa etnográfica multilocalizada realizada entre fevereiro de 2009 e dezembro de 2011, marcada pelas situações experimentadas em circulações e permanências com grupos de 'homens'. Das práticas e experiências etnográficas resultaram descrições e interpretações que sublinham imersões e tensões nas sociabilidades homogêneras e heterogêneras, estas relativas às posições e engajamentos no circuito varzeano.

**Palavras-chave:** Sociabilidade; Mulheres; Futebol; Gênero; Etnografia

---

---

1 Doutor em Ciências do Movimento Humano. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre/Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: [mmyskiw@hotmail.com](mailto:mmyskiw@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Este trabalho parte do pressuposto de que ser homem e ser mulher se refere a uma constituição no âmbito da cultura, tal como argumenta Louro (2008). Essas construções se dão também nos universos das práticas, das aprendizagens e das competições esportivas, como têm salientado os trabalhos que procuram estudar os lugares das mulheres nos esportes ou os esportes de mulheres, na realidade brasileira (DEVIDE, 2005; GOELLNER, 2005; SOUZA, KNIJNIK, 2007; KESSLER, 2012). Trata-se de um campo de estudos que confere evidência ao futebol e sua forte relação com a (re)produção da masculinidade, dentre os quais o trabalho de Guedes (1998), que retrata as escolinhas de futebol como lugar de construção do corpo masculino, gerido por homens. Na mesma linha, o trabalho de Damo (2007) aborda o futebol de rua, tomando-o como um espaço privilegiado da homosocialidade masculina. Também a investigação de Leal (2010), numa escola que atende adolescente em situação de rua, mostrou como a prática do futebol mobiliza questões relativas à honra masculina<sup>3</sup>.

É no âmbito dessas discussões que apresento análises sobre as sociabilidades ‘de mulheres’ em partidas de um circuito de futebol varzeano, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Esse circuito denominado de ‘municipal da várzea’, no período da pesquisa, era materializado na forma de campeonatos em diferentes categorias, do sexo masculino, envolvendo em torno de 300 times anualmente. Num primeiro semestre as Ligas Comunitárias de Futebol da cidade realizavam suas competições ‘regionais’ e indicavam os times classificados para uma segunda fase, esta realizada no segundo semestre do ano. A segunda fase era denominada de ‘municipal’, agregando os times classificados ‘nos regionais’, ocorrendo sob a coordenação da Gerência de Futebol, órgão administrativo da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação e Lazer de Porto Alegre.

Nesse circuito de lazer, entre fevereiro de 2009 e dezembro de 2011, realizei um estudo etnográfico multilocalizado (MARCUS, 2001), seguindo e convivendo, quase que diariamente, com dirigentes, árbitros, treinadores, jogadores e seus amigos, vizinhos, familiares em face dos compromissos relacionados ao futebol, isso em jogos, reuniões, festas, jantares, excursões, em campos, praças, parques, gabinetes, auditórios, bares, ruas, residências, etc. As experiências e práticas etnográficas foram registradas em Diários de Campo (DCs), os quais serviram de base para o levantamento de documentos e para a realização de entrevistas semiestruturadas com sete interlocutores considerados relevantes para aprofundamento de algumas questões. Dentre os propósitos das imersões estive o objetivo de compreender os lugares ‘das mulheres na várzea’, em especial entender como ‘elas’ constituíam suas sociabilidades.

---

2 Este trabalho contou com o auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Não há conflito de interesse relacionado ao presente trabalho.

3 Obviamente que estes trabalhos citados não esgotam o debate. Eles apenas apontam a existência de uma ampla e relevante discussão sobre as relações de gênero no esporte.

Contudo ao invés de centrar-me numa análise interpretativa que pressupõem uma construção das sociabilidades marcadas pela divisão por sexo (homossocialidade *versus* heterossocialidade<sup>4</sup>), optei por um enfoque mais enfático sobre a questão de gênero. Essa posição está relacionada com as reflexões produzidas e apresentadas por Rojo (2014), que, por sua vez, parte do entendimento de que existe uma inadequação da categoria ‘mulher’ para explicar as sociabilidades nos esportes, especialmente no caso da Vela – seu campo de estudos – e, portanto, da imperiosidade de olhar para as sociabilidades a partir das performances e identidades de gênero e não com base nas relações desenvolvidas por pessoas do mesmo sexo.

Para sustentar seus argumentos, Rojo (2014) descreve experiências e práticas etnográficas que lhe possibilitaram produzir interpretações sobre como ‘as mulheres’ constroem seus espaços na Vela e como isso está atravessado por relações de gênero. Nas suas análises ele enfatiza que as discussões sobre gênero no esporte estão fortemente relacionadas com as dicotomias sexuais e que esse exercício analítico-compreensivo tem limites. Assim, procurando dissociar radicalmente gênero de sexo, o autor problematiza a tomada da cultura como destino dos gêneros, assim como da noção de masculinidade hegemônica, trazendo uma série de situações e questões contextuais, de trajetórias, de pluralidades, de diálogos e de embates entre-gêneros.

É nessa perspectiva que desenvolvo este texto, entendendo, num sentido etnográfico, o ‘circuito varzeano de futebol’ como um importante universo de sociabilidade urbana de lazer da cidade de Porto Alegre, isto é, como circulação em - apropriação de - lugares da cidade para vivências coletivas que, paradoxalmente, implicam experiências ditas lúdicas (aquelas que ensinam o desprendimento da vida ordinária) e, simultaneamente, aproximações de interesses caros à vida cotidiana (aquelas dizem sobre os vínculos com a vida séria)<sup>5</sup>. Num primeiro momento do texto pontuo questões teóricas e empíricas sobre as separações materializadas por ocasião das rodadas de futebol. Na sequência disso passo a apresentar as sociabilidades das mulheres e suas relações com as identidades e performances de gênero.

### *Sociabilidades marcadas por posições e engajamentos*

A chegada dos times nos campos de futebol onde se materializava o circuito, principais lugares da sociabilidade varzeana, era frequentemente acompanhada de outras pessoas que não estavam ali para jogar, dirigir, orientar ou auxiliar. Todos chegavam juntos, muitas vezes em caravanas, mas poucos minutos antes de cada partida, se iniciava um ritual de separação entre aqueles que ‘fariam parte’ dos times em campo (as posições ‘mais internas’) e aqueles que ficariam na condição de torcedores (as posições ‘mais externas’).

4 Neste texto, homossocialidade está sendo entendida como sociabilidade entre pessoas do mesmo sexo e heterossocialidade como sociabilidade entre pessoas de diferentes sexos.

5 Essa dimensão paradoxal da sociabilidade de lazer ‘varzeana’ foi salientada no trabalho intitulado “Aqui é a várzea: reflexões sobre a constituição de um circuito de lazer na/dá cidade de Porto Alegre” (MYSKIW, PACHECO, STIGGER, 2014)

Inicialmente todos figuravam como 'sujeitos exteriores'. Mas, olhando e anotando as práticas recorrentes nessa separação concluí que se tratava de um rito, desenvolvido em cada 'rodada' de jogos, no sentido empregado por Bourdieu (2008), isto é, como ritos de consagração, de legitimação ou de instituição. Os ritos, para o autor, englobam práticas de consagração das diferenças num espaço simbólico [no 'circuito varzeano', no caso do presente estudo], que fazem conhecer e reconhecer as distâncias simbólicas. Nos termos bourdieusianos, o rito

[...] tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural *um limite arbitrário*, ou melhor, a operar solenemente como uma maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço [...] (p. 98).

Nas rodas do 'municipal varzeano', observando e participando de 216 partidas de futebol<sup>6</sup>, anotei elementos desse rito de instituição, que faziam com que um grupo de pessoas, por um determinado tempo, deixasse de fazer parte da torcida ('localizadas no exterior') e passassem a compor as posições 'no interior' dos times e dos jogos. A entrada nos vestiários, a colocação do uniforme de jogo, o recebimento do treinador de uma função-posição no jogo (titular ou reserva; goleiro, zagueiro, lateral, meio campo, atacante), a apresentação de documentos para o 'mesário', a assinatura da súmula da partida, a participação de 'palestras' pré-jogo, a realização de rezas e de 'gritos-de-guerra', as técnicas de aquecimento corporal, os cumprimentos aos adversários e das equipes de arbitragem, as poses para fotografias dos times eram algumas dessas práticas de consagração mais frequentes e que se mostravam eficientes na instituição da separação.

Nos primeiros momentos da investigação me parecia muito claro que as posições mais 'internas' e visíveis, dentro das quatro linhas do campo, eram reservadas ao sexo masculino em vista do 'naipe' das competições, caracterizando uma homossexualidade masculina. Entretanto, embora não dentro das quatro linhas, isso não significava a completa ausência do sexo feminino 'nos times' ou nas 'equipes de arbitragem'. Durante a pesquisa, observei duas mulheres que figuravam como 'treinadoras-dirigentes' de times e outras duas que atuavam como árbitras auxiliares ('bandeirinhas'), uma proporção bastante pequena nesse universo varzeano. Nas minhas primeiras interpretações, isso significa que 'na várzea' se materializava um espaço de heterossexualidade, sobretudo nas 'posições mais externas', genericamente mencionadas como lugares de 'torcedores'.

Contudo, adensando mais a experiência etnográfica, pude observar que se as noções de 'interioridade' (homossexualidade masculina) e 'exterioridade' (heterossexualidade) até podiam ser notadas em termos de sexo, outra dimensão da sociabilidade experimentada naquele circuito problematizava essa separação e sublinhava as relações de gêneros. Nas

6 Em muitas delas as observações foram participantes, como 'mesário', 'dirigente', 'estagiário', 'bandeirinha' ou 'árbitro'.

imersões da pesquisa foi preciso questionar a ideia de que aqueles que estariam ‘no exterior no jogo’ estavam ‘fora do jogo’, isto porque, assim como eu, os que assistiam a uma partida ‘na várzea’, logo percebiam um grande número de pessoas em pé, enganchadas na tela, simplesmente assistindo, conversando ou tentando ser escutadas por aqueles que estavam ‘no interior’. Esta era uma das situações mais ilustrativas de como, mesmo estando fora do alambrado, as pessoas demonstravam estar absorvidas, no sentido de estarem cooptadas por aquilo que acontecia na ou em relação à partida, compartilhando, por instantes mais breves ou durante períodos mais longos, um mesmo conjunto de esquemas valorativos e estruturantes das ações em campo.

Essa noção de jogos absorventes não é uma novidade. O trabalho de Clifford Geertz (2008), a respeito do significado das brigas de galo balinesas, trata disso, especificamente quando descreve o envolvimento das pessoas nas brigas, diferenciando aquelas absorventes das frívolas. No entendimento desse autor, as pessoas estariam absorvidas quando participavam de um fluxo comum de atividades e reações emocionais frente ao que acontecia nas brigas de galos, diferentemente dos jogos frívolos que não tinham as mesmas capacidades de alinhar as ações e emoções coletivamente. Ao desenvolver essa diferenciação (jogos absorventes-frívolos), Geertz (2008) traz uma série de elementos para caracterizá-los, com destaque para o valor das apostas do centro, o equilíbrio entre os galos e os riscos vinculados ao prestígio social.

Essa vivência engajada dos jogos, daquilo que acontece em face do circuito de futebol entendido como um universo simbólico, tem relação com o que Bourdieu (1990, 2001, 2004) denominou de *illusio*. Para este autor, tendo incorporado um sistema de disposições ajustados a regularidades de um universo simbólico – um *campo* –, o corpo se acha inclinado e apto a interessar-se e a agir, imbuído de uma compreensão prática. *Illusio*, nesse sentido, “[...] é estar preso ao jogo, preso pelo jogo, acreditar que o jogo vale a pena ou, para dizê-lo de maneira mais simples, que vale a pena jogar.” (BOURDIEU, 2004, p. 139). Trata-se do oposto à indiferença e, portanto, de uma cumplicidade ontológica entre as estruturas subjetivas e as estruturas objetivas (a experiência *dóxica*), que determina uma necessidade prática e imanente.

Aqueles que estavam ‘absorvidos na várzea’ eram as pessoas que permaneciam ‘dentro do jogo’, isto é, operavam com disposições e esquemas de ação e de avaliação coerentes e correspondentes com aquilo que se desenvolvia na partida. Assim, tornava-se possível afirmar que, embora muitas pessoas estivessem num ‘universo exterior’, elas não estavam ‘fora do jogo’. Isso não ocorria durante todos os momentos de um embate, podendo variar segundo um conjunto grande de incidências. Retratei nos diários de campo muitas dessas situações e, abaixo, apresento uma delas, representativa de como as pessoas ‘saíam’ ou ‘entravam’ no fluxo das ações coletivas:

No primeiro tempo da partida, com o jogo 0 a 0 e poucas chances para ambos os lados (o empate estava bom para o Entre Rios<sup>7</sup>), os torcedores desta equipe estavam

7 As denominações de times, de bairros, vilas, assim como dos interlocutores da pesquisa foram substituídos para garantir o acordo de confidencialidade negociado no decorrer da investigação.

conversando outros assuntos. Bebiam suas cervejas, comiam os espetinhos de carne, os sanduíches de salsichão assados na chapa improvisada na Kombi do Divino. Quando o atacante do time adversário do Entre Rios fez o primeiro gol – resultado que desclassificaria esta equipe – os torcedores literalmente se desligaram das conversas, comiam menos, bebiam menos e ficaram mais absorvidos pela partida. (DC, 24/02/2011)

Essa rápida descrição dá uma ideia de como tais torcedores inicialmente estavam mais ‘fora do jogo’ e, diante de uma incidência da partida, abandonaram suas ações particulares ou dos pequenos grupos. Simbólica e emocionalmente eles passaram para ‘dentro do jogo’, agindo e reagindo em relação aos acontecimentos ‘interiores’, contagiados pelos mesmos esquemas e valores. Era exatamente nesses fluxos emocionais que as sociabilidades ‘varzeanas’ não mais podiam ser compreendidas apenas nas divisões entre sexos, requerendo um olhar mais atento para as relações de gêneros. As ‘mulheres’ permaneciam ‘dentro do jogo’ tanto quanto os ‘homens’ e, por vezes, essa diferenciação não fazia sentido. Além disso, distintos gêneros de ‘mulheres’ produziam diferentes formas de sociabilidades, motivo pelo qual passo a trazer alguns ensaios etnográficos marcados pela circulação e permanência com grupos de ‘homens’.

#### *Sociabilidade homogênero e imersões heterogênero*

Um primeiro entendimento meu a respeito da sociabilidade de ‘mulheres’ denotava uma posição ‘delas’ num ‘universo exterior’ da partida e ‘fora do jogo’, observando que não estavam absorvidas. Posicionadas nesse lugar, suas práticas se desenvolviam com autonomia relativa aos acontecimentos propriamente futebolísticos. Uma cena muito frequente era a das ‘mulheres’ trazendo suas cadeiras, bancos ou almofadas e chimarrão. Ao passo que os ‘homens’ se separavam em direção ao ‘interior’, ‘as mulheres’ procuravam espaços às sombras, nas arquibancadas, com mais conforto e ficavam cuidando das roupas e calçados deixados pelos companheiros, familiares e amigos, ao mesmo tempo em que conversavam sobre assuntos do seu cotidiano, tendo literalmente o jogo de futebol como pano de fundo ao qual acessavam com mais foco em algum momento ou outro.

O número ‘delas’ tendia a aumentar nas tardes dos domingos e feriados e, sobretudo, nas partidas consideradas decisivas para os times que acompanhavam, como nos confrontos semifinais ou finais das competições. As ‘mulheres’ que ocupavam essas posições, em sua maioria, tratavam de vir acompanhadas por colegas, formando duplas, trios ou grupos de conversas. Em alguns casos, aquelas que estavam sozinhas aproveitavam para fazer outras coisas, como uma – provavelmente professora – que corrigia provas enquanto a partida se desenvolvia na sua frente, a poucos metros, mas muito distante simbolicamente (DC, 27/11/2010).

Outro tipo de situação que denunciava tal distanciamento de ‘mulheres’ nas partidas, especialmente no caso das mães, era o cuidado com as crianças envolvidas nas suas brincadeiras no entorno dos campos. Não era estranho notar que a localização das ‘mulheres-mães’, muitas vezes, estava ligada às possibilidades de brincadeiras das crianças, isto é, em lugares próximos de parquinhos, ‘campinhos’, ‘quadrinhas’, iluminados, à sombra, etc.

Tais noções de autonomia e de distanciamento relativos me possibilitavam compreender que ‘elas’ estavam ‘na várzea’ menos para ver o futebol propriamente e mais no sentido de acompanhar os ‘homens’ jogando, de cuidar dos filhos brincando, de vivenciar um espaço de conversas, de sair de casa, conhecer e vivenciar um lugar diferente. Assim, dialogando com o conceito-categoria apresentado por Rojo (2014) a respeito do seu estudo etnográfico sobre a Vela, tornou-se possível entender que essas pessoas reconhecidas como ‘mulheres na várzea’ desenvolviam uma sociabilidade homogênero, quer dizer entre pessoas que performatizavam, naquela situação e posição no circuito varzeano, uma identidade de gênero semelhante (esposa, mãe, namorada, irmã, amiga que estavam ali para acompanhar os ‘homens’ e desenvolver outras atividades de lazer não necessariamente ligadas ao futebol).

Essa sociabilidade homogênero sustentada por Rojo (2014) sublinha a importância da identidade de gênero, tratando-se de inter-relações entre pessoas que performatizam a mesma representação de gênero, independentemente se homosexo ou heterosexo. No caso das ‘mulheres’ descritas até aqui eu presenciava a materialização de sociabilidades homogênero e homosexo.

Contudo, isso não reinava absoluto durante todo o tempo dos confrontos. Diante de alguns fatos futebolísticos, ‘as mulheres-acompanhantes’ também eram cooptadas pelas lógicas interiores, abandonando, ainda que por alguns instantes, o distanciamento, especialmente quando a situação envolvia algum conhecido. Na lógica do que estou procurando sustentar, no diálogo com o trabalho de Rojo (2014), cenários como esses determinavam imersões de sociabilidades heterogênero, envolvendo, portanto, diferentes identidades de gêneros: as ‘mulheres-companheiras’, os ‘homens’ e ‘outras mulheres’<sup>8</sup>. ‘Elas’ abandonavam as conversas, o cuidado com as crianças, o conjunto de práticas que não tinham relação direta com o jogo e voltavam seus olhares e suas ações para o futebol, depreendendo comentários, palavras de ordem e de motivação, desafios e exigências, depreciações, insultos, xingamentos e até mesmo ameaças.

Justamente nessas participações que aproximavam as ‘mulheres’ do ‘interior’ e as colocavam ‘dentro do jogo’, algumas objetivamente com os dedos enganchados nos alambrados, chamava minha atenção o quanto ‘elas’ exigiam virilidade, força, coragem, honra daqueles que estavam posicionados no universo mais interior da partida. Isso recorrentemente envolvia uma relação com a sexualidade heteronormativa, numa lógica compulsória de que ‘o interior’ era um espaço de virilidade antagônica ao feminino e a homossexualidade. Nessa perspectiva é que a exigência de uma ‘honra masculina’ fazia parte das imersões das ‘mulheres absorvidas’, como ilustram os excertos de diários de campo:

Que chutinho **querida**, parece uma **menina**! Está com medo das **bonequinhas**! **Via-do**, pau-no-cú, **boiola**! (mulheres gritando, DC, 22/11/2009)

Essas bolhas que só ficam caindo! Essas **bichinhas**! Levanta do chão **margarida**! Nossa, ela teve um **peti**! (grupo de mulheres, DC, 04/02/2010)

8 Tratarei dessas ‘outras mulheres’ na próxima seção.

Os torcedores, em grande parte mulheres, se posicionaram atrás do banco de reservas do time adversário e dali faziam suas intervenções: Tá **estressadinha, boneca!**! Que que é **maricão?** Vamo lá **bagaceira!!**" (DC, 13/06/2010).

A presença de uma 'mulher' ou de um grupo 'delas', absorvidas, sem dúvida, acentuava a pressão sobre 'os' que estavam 'no interior', para que sustentassem suas identidades, ou seja, para que se colocassem nas disputas com atributos de força, virilidade e coragem, afinal, o 'interior' não era apenas um lugar para o sexo masculino, mas fundamentalmente de 'homens heterossexuais'.

Porém, em muitos momentos notei que havia limites nessas imersões 'das mulheres' que desenvolviam uma sociabilidade heterogênero. Isso ficava claro nas observações sobre a maneira como 'elas' agiam depois de manifestações mais exacerbadas, comportamentos estes não raramente encerrados com risos. Tratar de rir das próprias atitudes comunicava que era uma brincadeira, um comportamento que não deveria ter ressonâncias sobre as identidades de gênero para além daquele momento pontual. Um exemplo disso está no trecho de observação descrito abaixo.

Durante o segundo tempo notei uma 'mulher' que ficava 'na tela'. Numa das manifestações, direcionada ao árbitro, ela proferiu as seguintes palavras, que entendi, inicialmente, como sérias ameaças: "**vou te dar depois do jogo, tu vai ver seu safado, sem vergonha**" [risos]. Depois do jogo, quando eu estava em frente ao vestiário dos árbitros, vi aquela 'mulher' se aproximar. Surpreendeu-me o comportamento 'dela': se aproxima do árbitro e dá três beijos no rosto, dizendo "**Eu falei que ia te dar**" [risos]. A minha impressão de séria ameaça tinha sido totalmente descaracterizada. (DC, 02/02/2011)

Este excerto ajuda a mostrar como 'as mulheres' pareciam ter a necessidade de rir de suas imersões, assim como de deixar claro que se tratava de uma brincadeira 'sem interesses'. Tal imperativo de limites estava também nas manifestações dos 'homens', nas frequentes declarações 'deles' sobre a 'gritaria exagerada delas'. Numa dessas situações, um torcedor, ao lado de um grupo de 'mulheres' impregnadas nos seus xingamentos e insultos, olha para mim e diz: "não sabem o que estão falando, em vez de sentar e ver o jogo" (DC, 27/11/2009). Isso significava, naquele momento, que 'elas' precisavam saber o seu lugar e que isso implicava limites de permanência e de engajamento.

Nesse sentido, um caso exemplar de posicionamentos de 'mulher na várzea' era o de Silvia, que, ao longo da pesquisa, pude acompanhar em várias partidas (mais de 20). Ela era esposa do Russo (jogador, treinador e dirigente de times), com quem tem dois filhos. Seguiu para os campos com o marido, não necessariamente pelo futebol, comportando-se de maneira comedida. A sua circulação no entorno dos campos era bastante restrita, geralmente não em função do jogo ou dos jogadores, mas das conversas, dos melhores lugares nas sombras. Poucas vezes a observei 'na tela'. Raramente estava imersa em xingamentos, ameaças, insultos, assim como pouco se arriscava nas orientações táticas, técnicas ou avaliações das decisões dos árbitros.



Tive a oportunidade de entrevistar a Sílvia e, nessa ocasião, pude lhe questionar sobre o comportamento exaltado das 'mulheres' na beira dos campos. Sua resposta foi taxativa:

Eu acho ridículo! Eu acho ridículo para 'mulher' esses tipos de 'palavrões' que elas falam em campo, elas não respeitam nem o marido que está jogando, nem os colegas, os outros companheiros que estão ali jogando, como também os filhos, tu vê, elas sempre estão com crianças. Então, qual é a moral que ela tem para depois repreender os filhos dela se o filho dela que está em campo chama um colega, um amigo do pai dele de "corno", "filho da puta", que elas falam lá em campo, entendeu? Então eu acho assim, uma falta de respeito. [...]. Então eu acho isso horrível!º

O que essa resposta destaca é que o comportamento 'delas' tem implicações não apenas sobre a sua representação (de 'mulher-mãe' e 'mulher-esposa'), mas também sobre a do 'homem-marido-pai' que está 'ali dentro'. Não era, portanto, despropositada a afirmação e preocupação do Moicano (jogador de um time) de que "por isso não trago minha mulher", como não era estranho o comportamento da Sílvia que, como a maioria das 'mulheres' que seguia para os campos o fazia com suas colegas (amigas, vizinhas, parentes), formando divertidos grupos de conversas enquanto assistiam os jogos.

#### *Sociabilidade homogênero e tensões heterogênero*

Diferente do que vim mostrando, passo a tratar de 'outra' posição-identidade de gênero de 'mulheres' no universo das rodadas de futebol: quando estavam mais próximas 'dos interiores' das partidas e permaneciam mais tempo 'dentro dos jogos', isto é, absorvidas, independentemente das diferenças de sexo. Essas 'outras mulheres' não se dirigiam aos campos apenas para desenvolver práticas de sociabilidade tendo o futebol como pano de fundo. Suas práticas envolviam estar na beira dos campos para participar, de um modo contagiado, daquele universo e, ao fazê-lo, tensionavam os limites da separação instituída pelo rito descrito anteriormente.

Os torcedores mais contagiados pelo jogo eram aqueles que viviam aquele momento como se estivessem 'dentro'. Nesses casos estava claro que o contágio envolvia a necessidade de impactar, de alguma maneira, sobre os comportamentos daqueles que estavam em campo (principalmente membros do 'seu time', dos 'seus adversários' e dos árbitros), isto é, de implicar no resultado das ações técnicas/táticas, na doação individual e coletiva, na intimidação dos adversários e na aplicação/interpretação das regras. A respeito dessa expectativa, notei pessoas que não somente permaneciam enganchadas nas telas, mas as atacavam com as mãos e com os pés, para comunicar, aos gritos, os que estavam em campo que suas ações tinham ressonâncias 'no exterior'.

Quanto a tal necessidade, algumas 'outras mulheres' chamavam atenção, em relação às quais se podia dizer que eram 'da várzea' ou 'varzeanas', colocando as diferenças de

sexo ('masculino-feminino') como menos relevantes. 'Elas' performatizavam identidades de gênero diferentes 'daquelas' que estavam 'na várzea' como descrevi na seção anterior. As 'varzeanas' permaneciam mais tempo nas imersões, compartilhando valores, crenças, conhecimentos, atitudes e critérios de avaliação que não as diferenciavam daqueles que eram reconhecidos como 'homens'. Na linha argumentativa que estou sustentando, portanto, elas desenvolviam uma sociabilidade homogênero, pois era mais compreensível identifica-las como 'sujeitos da várzea', do que como 'mulheres' ou 'outros homens'. Esse tipo de sociabilidade também foi descrita por Rojo (2014), referindo-se às situações nas quais as pessoas eram reconhecidas como 'velejadoras', isso de forma independente do sexo, desde que compartilhassem valores, desempenhos de habilidades, interesses competitivos, entre outros aspectos.

Grupos dessas 'varzeanas', que não eram a maioria, me faziam problematizar a primeira noção de 'mulher' para explicar as sociabilidades. Era o caso de 'algumas' que seguidamente comunicavam que estavam 'com os times', que foram para ver 'o futebol'. Separavam-se de uma maneira mais decisiva 'das colegas' que ficavam sentadas mais à distância e seguiam para 'a tela' ou para a beira do campo, onde/quando as diferenças de gênero apenas relativas ao sexo sucumbiam nas práticas de sociabilidade homogênero, isto é, em práticas que poderiam ser melhor descritas pelo neologismo 'varzean@s". Nessa posição 'mais interna' e 'mais absorvida', não foi incomum notar 'varzeanas' em deslocamento na lateral do campo, conforme os movimentos dos jogadores ou dos árbitros, ou perceber expressões como 'meu zagueiro', 'meu lateral' para afirmar sobre o vínculo com o time de futebol, especialmente quando se tratava de um jogo 'em casa'.

As 'varzeanas' não precisavam rir de seus comportamentos e permaneciam contagiadas por períodos mais longos. Levavam a sério o futebol. Um grupo 'delas', aliás, era temido pelos jogadores. Algumas vezes ouvi relatos sobre esse grupo da Vila Andirá, entre eles, o mais significativo foi o proferido pelo Dartel do Cruz Machado, lembrando da 'surra' que 'elas' deram no seu time inteiro, sendo necessária a escolha de membros da comunidade até fora dos limites da Vila. Outro desses relatos, indicando a temerosidade dessas 'varzeanas', foi feito pelo Pocotó a respeito de um jogo. No campo da Vila Andirá, ao contar-me os fatos, o Pocotó mostrava-me que "do lado de lá [apontando em direção as casas da Vila] estava cheio de 'mulheres' e tu sabe como 'elas' são! [...] Perdemos de 1 a 0 e saímos quietinhos" (DC, 27/02/2011).

A maneira sobre como grupos ilustrados por esse se engajava revelava que suas participações incidiam sobre as construções e as histórias do circuito varzeano. Não é sem motivos que a história da 'surra das mulheres-varzeanas' habitava as reminiscências dos jogadores, pois 'elas' efetivamente faziam parte daquele universo, tal como ocorria com o envolvimento da Paulinha, ora treinadora, ora dirigente do Pioneiro, time da Vila Marechal. Em dois momentos que pude observá-la, 'ela' se engajava de igual-para-igual nas discussões, independentemente das diferenças de sexo, tanto nas reuniões, como no campo, por ocasião dos jogos. Nas interações varzeanas 'ela' falava alto, quase gritando, não se intimidava e se fazia respeitada pelos membros das equipes.

Contudo, mesmo entendendo que a posição-participação dessas 'varzeanas' tornava menos relevante as diferenças de sexo ou que as faziam sucumbir diante da mesma experiência de *illusio*, pude perceber que a sociabilidade homogênero incomodava. Isto porque, assim como Rojo (2014), no estudo sobre a Vela, notei que esse tipo de sociabilidade não anulava completamente a diferenciação entre 'masculino' e 'feminino' fundamentada nas distinções de sexos, apenas colocava como pano de fundo o peso dessa distinção na posição-participação em que pese as experiências no circuito varzeano de futebol.

O incômodo que aprendi convivendo com os 'homens', denotava uma tensão, tal como a que presenciei quando assistia uma partida já como 'torcedor' naquele momento da pesquisa (mais de 2 anos de imersões). Nesse jogo, os comentários dos 'homens' com os quais eu conversava tratavam de dizer sobre o mal estar do lugar homogênero que a Mari ocupava (uma 'varzeana exemplar'). Dentre as 'varzeanas' aquela que mais pude acompanhar foi a Mari, isso no decorrer de 5 rodadas. Ela era uma daquelas envolvida na 'surra' descrita acima e seguia sempre com o Andirá, time da Vila, equipe na qual seu companheiro jogava de zagueiro. Sua sociabilidade homogênero se destacava porque ficava muito evidente que não 'perdia um lance', podendo, no cenário da várzea, ser tranquilamente tomada como 'treinadora' – ou 'treinador@' -, posto que suas instruções, manifestadas aos gritos na beira do campo, não eram ignoradas e eram proferidas em tom de seriedade e com autoridade reconhecida.

Definitivamente, 'ela' estava ali pelo futebol, torcendo pelo 'seu time' e, naquela partida que mencionei, ao fazê-lo, envolveu-se numa discussão com um torcedor adversário. Ao 'vê-la' gritando, um dos meus colegas torcedores, 'homem', disparou o seguinte comentário: "se não fosse 'mulher', ia dar um soco 'nela'!". Eu, assistindo a discussão e já operando com esquemas válidos naquele universo, conclui que "não dava para discutir com 'ela'", pois quem o fizesse sairia perdendo, tamanha a sua condição para engendrar argumentos no sentido de depreciar o oponente ou de mostrar que sabia mais. Disse isso para outro torcedor que estava ao meu lado, o qual imediatamente concordou comigo: "é, tem que ouvir e ficar quieto" (DC, 05/06/2011).

A tensão estava claramente impregnada pelas relações de gêneros. Por 'um lado' a Mari representava uma pessoa do sexo feminino, uma 'mulher-mãe-companheira', e, por isso, não era possível dar um soco 'nela'; por outro, ela se posicionava como 'varzean@', por isso, não se podia discutir com 'ela'. Isso mostrava que a situação-posição de sociabilidade homogênero e heterosexo (que, nas práticas de torcedores, colocava como elemento de fundo as diferenças entre sexos, na medida em que incorporavam e lidavam com os mesmos elementos estruturantes da *illusio*) era tensionada no sentido de que se mantivesse heterogênero e homosexo (trazendo para frente os elementos que distinguem 'homens' de 'mulheres', isso, porém, sublinhando identidades fundadas nas diferenças de sexo). O incômodo, que não era apenas 'dos homens' (meus colegas torcedores), mas também das 'mulheres' (como a Sílvia que descrevi na seção anterior, quando ela afirma que: "Eu acho ridículo!"), evidenciava como os lugares-posições no universo do futebol de várzea, assim como os tipos de engajamento estavam marcados pelas distinções de sociabilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este trabalho contextualizando que ele foi desenvolvido através de uma etnografia multilocalizada, na qual uma das questões foi compreender os lugares das 'mulheres na várzea', com especial atenção sobre as práticas de sociabilidades nos espaços dos jogos, durante as rodadas das competições. A respeito disso, trouxe três seções de descrições e interpretações com o objetivo de sustentar que as práticas de sociabilidades de 'mulheres' são decisivamente marcadas pelas relações e identidades de gêneros. Mas, antes de apresentar as conclusões a respeito, vale o destaque para fato de que minhas experiências de pesquisa estiveram bastante vinculadas aos grupos de 'homens', o que me leva a entender que as considerações a seguir estão transpassadas por essa situação etnográfica.

A primeira conclusão foi a de que as explicações baseadas nas divisões entre sexos não se faziam suficientes para compreender as sociabilidades de 'mulheres', sobretudo quando passei a observar mais atentamente o engajamento e a absorção pelos/nos acontecimentos próprios dos jogos de futebol, entendendo que o rito de separação estava transpassado pelas diferenças de gêneros. Pude aprender que, no universo do circuito de futebol estudado, os modos de absorção-engajamento pelas/nas questões das partidas, assim como as sociabilidades decorrentes disso, estavam relacionados com distintas identidades e performances de 'mulheres', as quais puderam ser compreendidas pelas noções de 'imersões' e de 'tensões'.

De um lado, as 'mulheres' que produziam as 'imersões' desenvolviam uma sociabilidade homogênero e homosexo, esta marcada por uma relativa autonomia e distanciamento do universo simbólico específico do futebol. Entretanto, isso não 'as' impedia de vez ou outra estarem absorvidas pelos/nos jogos, desenvolvendo imersões de sociabilidades heterogêneros (com os 'homens' e com 'outras mulheres'), mas colocava limites e necessidades relacionadas ao resgate de suas posições (com mais autonomia e distanciamento). De outra parte, 'aquelas' que provocavam 'tensões' – 'as varzeanas' –, justamente porque enfrentavam os limites e as necessidades, pois desenvolviam uma sociabilidade homogênero heterosexo, isso no sentido de que, enquanto 'vazeans', importava menos se eram do sexo masculino ou feminino. Posições-identidades como estas não raramente incomodavam os 'homens', que requeriam o reestabelecimento de sociabilidades heterogêneros.

Com isso procuro sustentar que a noção de 'mulher' está relacionada com as formas de sociabilidade de gêneros desenvolvidas no circuito estudado (homogêneros e heterogêneros) e que, portanto, tal como sugere Rojo (2014), é importante colocar em questão as análises que se pautam tão somente pelas (ou sublinham as) diferenças entre sexos (heterossocialidade e homossocialidade). Além disso, vale enfatizar que uma mesma pessoa, em situações distintas, poderia transitar entre diferentes gêneros, como, por exemplo, numa partida produzir 'imersões' de uma sociabilidade heterogênero e noutra as 'tensões' de uma sociabilidade homogênero. Isso me fez problematizar uma afirmação que inicialmente parecia evidente e muito fácil, a de que o 'futebol varzeano' é um espaço de se fazer 'homens'. Diferente disso, nas análises e interpretações que trouxe aqui me foi possível compreender que, por vezes, o futebol é um universo de produzir 'vazeans', ainda que isso ocorra sob 'tensões' observadas na convivência com os 'homens'.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. Os ritos de instituição. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- DAMO, A.S. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2007.
- DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- GOELLNER, S.V. Mulheres e o futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.
- GUEDES, S.L. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.
- KESSLER, C.S. Se é futebol, é masculino? **Sociologias Plurais**: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPR, Curitiba, n. especial, out., 2012.
- LEAL, E. M. Jogando pela honra: corpo e masculinidade em uma escola para meninos em situação de rua. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 229-247, abr./jun., 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **ProPosições**, v. 19, n.2, mai./ago. 2008. Disponível em: < [www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf) >. Acesso: 10 ago 2015.
- MARCUS, G. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul./dez., 2001.
- MYSKIW, M.; PACHECO, A. C.; STIGGER, M. P. Aqui é a várzea: reflexões sobre a constituição de um circuito de lazer na/da cidade de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S711-S724, abr./jun. 2014.
- ROJO, L. F. **Gêneros ao mar**. Texto apresentado em reunião do Núcleo de Estudos sobre Corpo e Gênero (NECGen/UFF). Niterói, 2014.
- SOUZA, J.S.S.; KNIJNIK, J.D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

---

**WOMEN SOCIABILITY IN THE OUTSKIRTS: an ethnographic essay about gender relations in a football tournament in Porto Alegre****ABSTRACT**

This article addresses the issue of gender relations in the world of sports practices, specifically in football. It focuses on 'women's' sociabilities in matches of a football tournament in the outskirts of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. It seeks to present elements for understanding the place of 'women in the outskirts'. It is based on a multi-site ethnographic study conducted between February 2009 and December 2011, marked by situations experienced while circulating and staying with groups of 'men'. Practices and ethnographic experiences resulted in interpretations that emphasize immersion and tensions in/between homogender and heterogender sociabilities related to positions and engagements in the outskirts tournament.

**Keywords:** Sociability; Women; Football; Gender; Ethnography

**SOCIABILIDADES DE MUJERES EN LA PERIFERIA: ensayo etnográfico acerca de las relaciones de géneros en un circuito de fútbol de Porto Alegre****RESUMEN**

Este trabajo aborda la temática de las relaciones de géneros en el universo de las prácticas deportivas, específicamente en el fútbol. investiga las sociabilidades de 'mujeres' en partidos de un circuito de fútbol de barrio de la ciudad de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Trata de traer elementos para la comprensión de los lugares de 'mujeres en la periferia'. Está basado en una investigación etnográfica multilocalizada realizada entre febrero de 2009 y diciembre de 2011 y está marcado por las situaciones experimentadas en circulaciones y permanencias con grupos de 'hombres'. De las prácticas y experiencias etnográficas resultaron interpretaciones que destacan inmersiones y tensiones entre sociabilidades homogéneros y heterogéneros, relativas a las posiciones y a la participación en el circuito del fútbol de barrio.

**Palabras clave:** Sociabilidad; Mujeres; Fútbol; Genero; Etnografía

---

Recebido em: fevereiro/2016

Aprovado em: junho/2016